

escala EE (n=107), a mediana de idade foi de 29,00[28,67–31,46] anos e a mediana da escolaridade foi de 16,00[15,23–16,57] anos de estudo. A maioria era branca (85,8%), eutrófica (44,9%) ou com sobrepeso (26,2%), não usuárias de anticoncepcional hormonal (59,8%) e nulíparas (67,3%). A prevalência de baixa QS foi de 57,5% pelo PSQI. Em relação à avaliação da EE, 53,3% apresentaram valores compatíveis com grande probabilidade de adormecer ao longo do dia ou sonolência excessiva. Não houve associação de distúrbios do sono com os critérios demográficos estudados ($p > 0,05$). Conclusões: A prevalência de baixa QS através do PSQI em mulheres em idade reprodutiva foi de 57,5%. Considerando a SD, nossos resultados (53,3%) foram expressivamente maiores do que a média encontrada na maioria dos estudos para a mesma faixa etária (0,5–14,0% de SD). Apoio: FIPE, HCPA; CAPES.

eP2713

Alteração da composição corporal relacionada ao climatério e fatores associados: estudo transversal

Jéssica Zandoná; Charles Francisco Ferreira; Fernanda Vargas Ferreira; Maiara Conzatti; Mona Lúcia Dall Agno; Amanda Vilaverde Perez; Pedro do Valle Teichmann; Isabella Osório Wender; Maria Celeste Osório Wender
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução: Sugere-se que o hipoestrogenismo relacionado à menopausa pode estar associado intimamente à redistribuição de gordura corporal no climatério. Objetivos: Avaliar a composição corporal e os fatores associados entre mulheres pré- menopáusicas tardias e pós-menopáusicas iniciais. Métodos: Estudo transversal com mulheres de 44 a 56 anos. Através de critérios internacionais (Workshop do Envelhecimento Reprodutivo +10) foram classificadas como pré ou pós-menopausa. Mulheres com doenças crônicas não controladas, que utilizavam a terapia de reposição hormonal ou contraceptivo oral, com histórico de abuso de álcool e de drogas foram excluídas. Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elas responderam um questionário semiestruturado (dados sociodemográficos, hábitos e saúde); o Recordatório Alimentar de 24 horas; a Escala Visual Analógica de Apetite; e o Questionário Internacional de Atividade Física – versão curta. O perfil metabólico sérico foi obtido, além da composição corporal (dados antropométricos e densitometria de raios X de dupla energia). Análises descritivas foram conduzidas (frequências, medianas e intervalos de confiança 95%, média e desvio padrão da média) no programa SPSS, versão 18.0, e comparações foram realizadas (teste t de Student para amostras independentes, Mann-Whitney, Qui-quadrado com análise residual ajustada e Correlações de Spearman). O nível de significância foi fixado em $p \leq 0,05$. Foi obtida aprovação Ética Institucional (GPPG/HCPA, número 2018-0133). Resultados: Nas 106 mulheres analisadas (pré-menopausa, n=64, 47,00[47,01–48,30] anos; pós-menopausa, n=42, 50,00[48,60–49,92] anos) o tempo médio de menopausa foi 16,50[17,27–24,87] meses. A maioria apresentava sobrepeso (28,3%) ou obesidade (49,1%), sendo inativas ou minimamente ativas (90,6%). O grupo pós-menopausa apresentou menor densidade mineral óssea ($p=0,001$), maiores níveis de colesterol total ($p=0,048$) e de apetite ($p=0,013$), com marginal redução de massa magra corporal ($p=0,064$). Não se identificou diferença na distribuição de gordura corporal entre os grupos. Conclusões: Mulheres pré-menopáusicas tardias apresentam maior massa magra e conteúdo mineral ósseo que mulheres pós-menopáusicas precoces, com similar distribuição de gordura. Este curto intervalo temporal pode ser a melhor janela de oportunidade para intervenções no estilo de vida, prevenindo o ganho de massa gorda e outros fatores de risco cardiometabólicos. Apoio: FIPE, HCPA; CAPES.

eP2731

Prevalência de disfunção sexual entre mulheres em fase reprodutiva: estudo transversal

Maiara Conzatti; Charles Francisco Ferreira; Fernanda Vargas Ferreira; Amanda Vilaverde Perez; Juliana Ritondale Sodré de Castro; Daniela Rossana; Pedro do Valle Teichmann; Maria Celeste Osório Wender
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução: A função sexual (FS) é um importante componente da avaliação da qualidade de vida de mulheres. Estudos demonstram prevalência de 38–58% de disfunção sexual (DS), a depender da nacionalidade (38% em brasileiras) e média de idade (58% em um estudo brasileiro que avaliou mulheres com uma média de idade de 38 anos). O Índice de Função Sexual (FSFI) contém 19 itens que avaliam as últimas 4 semanas de acordo com 6 domínios: desejo, excitação, lubrificação, orgasmo, satisfação e dor. Objetivos: Avaliar a FS feminina de mulheres em idade reprodutiva de uma Unidade Básica de Saúde do Município de Porto Alegre/RS. Métodos: Mulheres (18–45 anos) com ciclos menstruais regulares responderam ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e ao FSFI. Participantes com sintomas depressivos ou uso de fármacos antidepressivos foram excluídas do estudo. Variáveis categóricas foram expressas como frequências e variáveis quantitativas como medianas e intervalos de confiança 95% (IC95%) ou média e desvio padrão da média ($\pm DP$). As análises estatísticas foram realizadas no programa SPSS versão 18.0 (Qui-quadrado com análises residuais ajustadas). O nível de significância foi fixado em 5% para todas as análises. A aprovação ética foi obtida pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (número 2018-0076). Resultados: Das 107 mulheres que preencheram corretamente ao FSFI, a mediana de idade foi de 29,00[28,67–31,46] anos e a mediana da escolaridade foi de 16,00[15,23–16,57] anos de estudo. A maioria era branca (85,8%), eutrófica (44,9%) ou com sobrepeso (26,2%), não usuárias de anticoncepcional hormonal (59,8%) e nulíparas (67,3%). A prevalência de DS foi de 43,0% pelo FSFI. Não houve associação de DS com os critérios sociodemográficos analisados (idade, anos de estudo, etnia, índice de massa corporal, uso de anticoncepcional oral e paridade; $p > 0,05$). Conclusões: Mulheres em idade reprodutiva apresentaram uma prevalência de DS de 43,0%, similar a encontrado na literatura nacional, sendo a DS não associada aos parâmetros sociodemográficos analisados. Apoio: FIPE, HCPA; CAPES.

eP2743

Fatores associados à presença de sintomas climatéricos em mulheres pré- e pós-menopausa: estudo transversal

Jéssica Zandoná; Charles Francisco Ferreira; Fernanda Vargas Ferreira; Maiara Conzatti; Mona Lúcia Dall Agno; Amanda Vilaverde Perez; Pedro do Valle Teichmann; Isabella Osório Wender; Maria Celeste Osório Wender
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução: O hipoestrogenismo relacionado à menopausa é responsável pelo aparecimento de diversos sintomas físicos e emocionais, com impacto negativo sobre a qualidade de vida destas mulheres. Objetivos: Identificar a prevalência de sintomas

climatéricos e fatores associados em mulheres pré-menopáusicas tardias e pós- menopáusicas iniciais. Métodos: Estudo transversal com mulheres de 44 a 56 anos. Através de critérios internacionais (Workshop do Envelhecimento Reprodutivo +10) foram classificadas como pré ou pós-menopausa. Mulheres com doenças crônicas não controladas, que utilizavam terapia de reposição hormonal ou contraceptivo oral, com histórico de abuso de álcool e de drogas foram excluídas. Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elas responderam a um questionário semiestruturado (dados sociodemográficos, hábitos e saúde), o Questionário Internacional de Atividade Física – versão curta e a Escala de Avaliação da Menopausa. Análises descritivas foram conduzidas (frequências, medianas e intervalos de confiança 95%, média e desvio padrão da média) no programa SPSS, versão 18.0, e comparações foram realizadas (teste t de Student para amostras independentes, Mann-Whitney, Qui-quadrado com análise residual ajustada e Correlações de Spearman). O nível de significância foi fixado em 5% para todas as análises. Foi obtida aprovação Ética Institucional (GPPG/HPCA, número 2018-0133). Resultados: Nas 106 mulheres analisadas (pré-menopausa, n=64, 47,00[47,01–48,30] anos; pós-menopausa, n=42, 50,00[48,60–49,92] anos) o tempo médio de menopausa foi 16,50[17,27–24,87] meses. A maioria apresentava sobrepeso (28,3%) ou obesidade (49,1%), não era tabagista (86,8%), informou não consumir álcool (55,7%), solteira ou residia sem companheiro (a) (60,4%). Em relação à atividade física, a maioria era inativa ou minimamente ativa (90,6%). O grupo pós- menopausa reportou mais sintomas vasomotores de moderados a severos (66,7%), enquanto os sintomas vasomotores leves foram associados ao grupo pré-menopausa (50,8%) (p=0,021). Os fatores ser solteira/residir sem companheiro (a) e etilismo foram positivamente associados à severidade dos fogachos (p=0,003 e p=0,029, respectivamente). Conclusões: Os sintomas vasomotores foram mais prevalentes no grupo de mulheres pós-menopáusicas iniciais. Conclui-se que o etilismo e ser solteira/residir sem companheiro (a) associa-se a sintomas vasomotores mais severos durante a transição menopausal. Apoio: FIPE, HCPA; CAPES.

eP2769

Aumento no número de consultas referentes ao ácido valpróico no Sistema Nacional de Informação sobre Agentes Teratogênicos (SIAT)

Helena Margot Flôres Soares da Silva; Gabriela Ecco; Taiane Dornelles Moreira; Victória Machado Scheibe; Camila Pocharski Barbosa; Daniela F Martins; Júlia R. F. Coelho; Mariana Horn Scherer; Lavínia Schuler-Faccini
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO: O ácido valpróico é um teratôgeno bem conhecido em humanos, com risco de teratogênese estimado em 10% em mulheres grávidas expostas. Teratogênese do neurocomportamento é de especial preocupação após exposição ao ácido valpróico na gestação, incluindo autismo. Os efeitos mutagênicos do ácido valpróico não são bem estabelecidos. Um dos prováveis mecanismos mutagênicos do ácido valpróico é sua ação como inibidor da histona desacetilase. Ainda assim, o ácido valpróico é amplamente prescrito para mulheres em idade fértil. Neste estudo, nós buscamos por ligações para o Sistema Nacional de Informação sobre Agentes Teratogênicos (SIAT) relacionadas ao ácido valpróico durante as três últimas décadas. **OBJETIVO:** Comparar o número de consultas realizadas ao SIAT em relação à segurança do uso de ácido valpróico no período gestacional em dois períodos distintos. **MÉTODOS:** Estudo descritivo retrospectivo com base nas informações disponibilizadas por meio do banco de dados referentes às consultas acerca do uso de ácido valpróico em dois períodos: 1990 até 2006 (Período 1) e 2007 até 2018 (Período 2). **RESULTADOS:** O SIAT recebeu um total de 12.486 ligações no Período 1: 24% sobre medicações com ação no sistema nervoso central (SNC). No Período 2, 7.979 ligações foram registradas com um aumento significativo de questionamentos sobre fármacos com ação no SNC (47%) (p<0.01). O ácido valpróico foi o motivo de 63 ligações no Período 1 (2.6% dos 2.282 fármacos com ação no SNC) e 113 no Período 2 (4.0% dos 2.784) (p<0.01). **CONCLUSÕES:** Houve um aumento nas ligações em relação às medicações que atuam no SNC nos últimos anos, e particularmente o ácido valpróico para mulheres em idade reprodutiva no Brasil. Acreditamos que o maior número de indicações médicas para o uso de ácido valpróico no tratamento de transtornos de humor possa ser a explicação desse aumento, apesar de existir evidência consolidada sobre a teratogenicidade neurocomportamental desse agente.

eP2913

Atuação da fisioterapia pélvica no Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Lavinia Sofia Cabral; Bárbara Sores Peterson; Lia Ferla Barbosa; Luciana Laureano Paiva; Jose Geraldo Lopes
HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: O Ambulatório de Fisioterapia Pélvica HCPA/UFRGS iniciou em 2013 com a parceria entre o Curso de Fisioterapia e a equipe médica do Ambulatório de Ginecologia, destinado às usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS) com diagnóstico de origem urológica como a incontinência urinária (IU), além de se constituir um espaço de ensino, pesquisa e extensão universitária. A IU é a perda involuntária de urina sendo um problema de saúde pública, que causa grandes impactos sociais, influenciando negativamente a qualidade de vida (QV). A Fisioterapia Pélvica (FP) é a primeira linha de tratamento conservador da IU, uma das formas de tratamento pela FP é o Treinamento dos Músculos do Assoalho Pélvico (TMAP) em grupo realizado pela equipe. Além disso, foi desenvolvida a Escala de Satisfação com o Treinamento do Assoalho Pélvico em Grupo (ESTAPeG) como um estudo de validação que pretende propor um novo instrumento de satisfação com o TMAP em grupo. **Objetivo:** Relatar as atividades desenvolvidas pela equipe e apresentar a escala desenvolvida no Ambulatório (ESTAPeG) no ano de 2018. **Métodos:** As atividades são desenvolvidas semanalmente, às quartas feiras, no período da tarde, onde são realizadas avaliações de novas pacientes, reuniões de equipe, orientação, estudos de casos, reavaliação, atendimento individual e reabilitação do assoalho pélvico em grupo. A ESTAPeG é um instrumento de pesquisa que avalia domínios como a melhora dos sintomas, percepção corporal, convívio social, qualidade de vida, trocas de experiência, grau de satisfação. **Resultados:** A equipe de trabalho é multiprofissional, formado por fisioterapeutas, médicos ginecologistas, docentes, bolsistas de extensão, de iniciação científica e alunos do Pós-Graduação em Ginecologia e Obstetrícia. Foi aplicado o piloto da ESTAPeG, onde foi destacado três questões mais abordadas durante o tratamento que tratam do conhecimento do assoalho pélvico e suas funções, melhora da autoestima e segurança e a troca de experiência sobre a perda urinária no grupo. Verificamos que após a vivência no grupo, houve uma melhora em todos os itens supracitados. **Conclusão:** O Ambulatório de Fisioterapia Pélvica HCPA/UFRGS, durante os seus 6 anos de existência, tem oferecido as usuárias do SUS do HCPA com diagnóstico de IU acesso ao tratamento de reabilitação do assoalho pélvico, proporcionando melhoria dos sintomas urinários e qualidade de vida.